

Furando a corrente: desafios da educação superior e da academia no século XXI

Breaking The Chain: Challenges of Higher Education and Academia in the 21st Century

Gabriela Azevedo Scian Delbem¹
Eva Sandra Monteiro Cipola²

RESUMO

Todas as instancias da realidade social vem se transformando após o estabelecimento e desenvolvimento da modernidade. Vivemos um novo tipo de lógica social assim como um novo tipo de indivíduo, entretanto, estranhamente, a educação segue inserida num emaranhado ainda bastante confuso, que possui filamentos de tradicionalismo, assim como de modernidade. Esse trabalho busca discutir qual é o lugar da educação superior – acadêmica e intelectual - num momento de excessiva aceleração da transmissão de informações e de pouquíssima profundidade do conhecimento, assim como o papel do educador e do aprendizado como agentes de transformação.

Palavras-chave: educação, modernidade, tecnologia, educação superior.

ABSTRACT:

All instances of social reality have been transformed after the establishment and development of modernity. We live a new kind of social logic as well as a new kind of individual, yet strangely education is still embedded in a rather confusing tangle, which has strands of traditionalism as well as modernity. This paper seeks to discuss the place of higher education - academic and intellectual - at a time of excessive acceleration of information transmission and very little depth of knowledge, as well as the role of educator and learning as agents of transformation.

Keywords: education, modernity, technology, higher education.

115

¹ Bacharela em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Unesp. E-mail: gabrieladelbem@gmail.com

² Coordenadora e Orientadora dos Cursos de Pós-Graduação e MBA do UNAR. E-mail: eva.cipola@unar.edu.br

Introdução

Durante o processo de formação acadêmica de um indivíduo, ao entrar em contato com um vasto oceano de conteúdo, possibilidades, informações diferentes e novas visões de mundo, é natural que se tenha uma sensação de poder, um estalo cognitivo que diz: agora, sabendo disso tudo, é possível mudar o mundo. É nobre o sentimento, temos que admitir, mas, ao atravessar os portões da universidade e adentrar no mundo real, rapidamente somos banhados de uma água bastante gélida: todas aquelas teses e propostas teóricas que estudamos na universidade, na prática, têm pouca aplicação literal e, no fim das contas, nós não nos sentimos nem um pouco preparados para enfrentar tudo o que envolve “o mundo lá fora”. É preciso dobrar a teoria, cortar, adaptar e costurar com algum conhecimento prático que vamos adquirindo no decorrer do tempo e da experiência, e mais: todo esse emaranhado de desafios se dando num momento em que toda a realidade que estávamos acostumados a entender como substrato das nossas ações vem se revolucionando graças a tecnologia, ao avanço dos meios de comunicação e de transporte e às consequências da modernidade num geral.

E podemos nos questionar se o conteúdo apresentado pela instituição é bom ou não, se é completo ou não, ou ainda, se a instituição aplica de uma forma eficiente ou não. Podemos responsabilizar também o aluno desinteressado ou irresponsável, a infraestrutura da instituição, enfim,

uma série de razões e justificativas poderiam ser selecionadas, mas nenhuma delas sozinha poderia explicar por completo o motivo dessa sensação de despreparo que é experimentada tanto por quem deixa a universidade para entrar no mercado de trabalho, quanto para quem manda profissionais para ele. E de onde ela vem então? O que podemos fazer para que isso acabe ou se reduza de alguma forma?

Primeiramente, para entender um pouco mais sobre o contexto social e histórico em que se dá esse fenômeno, proponho um breve resgate teórico no que diz respeito às consequências do que se convencionou chamar de modernidade e à inserção do indivíduo no que posteriormente batizamos de modernidade tardia, ou modernidade líquida referenciando Bauman. Dessa forma, será possível trazer evidências sociais e não somente objetivas e práticas para esse problema, qual seja, o despreparo e a insegurança dos que saem da universidade para enfrentar o dia a dia no “mundo lá fora”, ou seja, no mercado de trabalho.

Sendo assim, ao observar por outro viés um problema enfrentado já há algum tempo, é preciso se perguntar quais são as alternativas que vão possibilitar virar o jogo dessa realidade: o que podemos fazer, como educadores e pesquisadores da educação, para que, de uma forma ou de outra, possamos instituir uma nova política, um novo plano de ação que faça com que exista uma coerência maior entre aquilo que transmitimos em formato de teoria e a realidade que

– nós mesmos sabemos – não é exatamente aquilo que nossos alunos esperam?

Lançando mão de um conhecimento interdisciplinar que envolve não só a Docência no Ensino Superior, mas também as Ciências Sociais, o que esse trabalho se propõe a fazer é nada além de um pequeno ajuste de foco, para que, ao passo que se faz possível compreender um pouco além da realidade operacional diária da vida na instituição de ensino superior, se mostra viável analisar o curso da realidade social e histórica que levou a esse despreparo e insegurança. Com isso, cada vez se tornará mais nítida a oportunidade de se agir de forma eficiente e objetiva na questão.

Contextualização histórica: como chegamos até aqui?

A modernidade já foi exaustivamente estudada nas ciências sociais e é definida por Anthony Giddens (1938), importante sociólogo britânico, no decorrer de suas obras sobre o período, como o conjunto das instituições, estilos de vida, costumes e comportamentos que emergiram pela primeira vez na Europa pós-feudalismo e que, a partir do século XX, tornaram-se mais ou menos mundiais em seu impacto e influência. Além disso, assume certa equivalência entre a modernidade e o mundo industrializado, ressaltando, entretanto, que o industrialismo não é a única dimensão importante da modernidade (GIDDENS, 1999).

A era moderna inaugura um novo senso da vida, um novo tipo de

compreensão do indivíduo sobre o mundo que o rodeia e conseqüentemente novas formas de ação e relação sociais, fazendo dela uma fase substancialmente diferente das eras pré-modernas. Essencialmente a modernidade se mostra a como um período fortemente marcado por transformações que perpassam todos os âmbitos da vida do indivíduo, de diversas maneiras e intensidades.

Em contexto de modernidade, as bases fortes que forneciam amparo emocional e segurança ontológica para o indivíduo começam a se desfazer, forçando uma maturidade antes desconhecida por ele. Através do tempo, a partir da modernidade, o indivíduo passa a conhecer um novo senso da realidade sempre e cada vez mais voltado para um *ethos* de produtividade, lucros, eficiência e em constante aceleração do tempo; e mais importante, por meio da qual a responsabilidade por suas escolhas e sucesso individual está depositada única e inteiramente sobre seus próprios ombros.

Outra característica que se coloca de forma intensa e ampliada no contexto moderno é o alto grau de dinamismo e mobilidade apresentado em todos os âmbitos da vida social. Esse fenômeno social moderno tem diversos substratos para sua origem, mas a primeira alteração que se pode observar e a mais crucial segundo a teoria sociológica é a separação tempo-espacial. Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o tempo tinham funções reguladoras fundamentais para o bom funcionamento da estrutura social; o tempo vinculava-se ao espaço na

medida em que ambos serviam de cálculo para a maioria das atividades cotidianas como o plantio, a colheita, as idas à igreja, as visitas aos familiares, etc. Com o advento da modernidade, o ritmo da vida passou a acelera-se, exigindo de um novo indivíduo outro tipo de comportamento acerca do aproveitamento do tempo e seu deslocamento através do espaço. A invenção do relógio, por exemplo, segundo Giddens, marca a transição desse entendimento do tempo como um tempo vivo, para um tempo, chamado por ele de tempo vazio. Com o triunfo dos ideais capitalistas e as revoluções nos meios de transporte e deslocamento de pessoas e mercadorias, as distâncias se encurtaram e o tempo parece cada vez mais escapar por entre os dedos.

Podemos, então, como o faz Georg Simmel, caracterizar a modernidade como esse complexo momento de grandes transformações e cisões, que causam o que o autor chama de uma *dessubstancialização*, *dessacralização* e um desencantamento do mundo. A crença no destino e na vontade divina vai se corroendo gradativamente, e faz com que a fé no progresso das civilizações se firme apenas nas promessas do capitalismo e na capacidade do próprio homem moderno. A pluralidade de valores e formas de vida possíveis se expande de maneira epocal, fazendo com que tudo aquilo que se compreendia como as fortes bases do pensamento e comportamento modernos passassem a ser relativos e até mesmo abandonados. O princípio da quantidade passa a reger e mensurar o valor das coisas e inclusive das pessoas, o dinheiro passa

a qualificar – ou desqualificar - as coisas, os seres e as instituições e transforma a sociedade numa sociedade do acúmulo, numa sociedade do valor. Como podemos observar, segundo o sociólogo alemão, esse princípio de quantidade é o grande princípio da burguesia: permite que tudo seja avaliado de acordo com a sua eficácia e rendimento.

O homem moderno tem concepções que cada vez mais se transformam em valores que se transformam em ideologias para então se tornarem forças sociais que serão capazes de determinar o novo senso da história. (SIMMEL, 2006). Assim, surge um novo indivíduo que conquista autonomia, e em meio ao processo de *dessacralização* do conhecimento que se inicia na Revolução Francesa e com os movimentos do Iluminismo, levando a alta racionalização das coisas à sua volta, passa a compreender o senso da história, da realidade a partir do seu próprio eu e não mais através dos valores religiosos. Isso é o que se chama de processo de emancipação, o processo de se transformar em tutor de si mesmo, atingir a maioridade, como diria Kant. Esse novo sujeito moderno passa a ser dotado de singularidade, de força e de vontade. As ações sociais agora são parte do que Ferdinand Tonnies chama de vontade eletiva, ou seja, uma vontade reflexiva e finalista, comum a essa nova mentalidade econômica instaurada na modernidade, gerando um indivíduo empreendedor e potente.

Nesse sentido a modernidade não é apenas um modo de ser, expressão

cultural que traduz e enraíza numa organização social específica. Ela é também ideologia. Conjunto de valores eu hierarquizam os indivíduos, ocultando as diferenças-desigualdades de uma modernidade que se quer global. (ORTIZ, 1994, p. 216)

Quais as consequências dessas transformações no que diz respeito aos indivíduos e a educação?

É coerente que se coloque a sociedade em que vivemos, como o fez o filósofo coreano Byung-Chul Han, como algo que passou de seu estado disciplinar e adentrou num outro *ethos*; o do desempenho. Isso tem consequências em todos os âmbitos da sociedade, mas aqui vamos nos atentar as consequências que dizem respeito à educação e ao indivíduo.

Primeiramente, em relação aos sistemas de ensino, o estabelecimento de uma sociedade de desempenho, produtividade e eficiência, faz com que a educação formal passasse a caminhar de forma descompassada em relação ao mercado de trabalho, para dizer o mínimo. Isso quer dizer, então, que uma maior aceleração e demanda por mais rapidez no compartilhamento e produção de informações, desestruturou o que antes conhecíamos como a melhor forma de se fazer a pedagogia. O formato de transmissão de conhecimento que conhecemos hoje, e que é aplicado na maioria das universidades, anda a passos mais lentos do que a disseminação da informação via internet, por exemplo.

Quando colocado dessa forma, esse fenômeno gera uma problemática, por exemplo, no que diz respeito as

maneiras de categorizar e condecorar as diferentes formas de conhecimento. Hoje se fala de um conhecimento adquirido majoritariamente a partir da prática, da ação, em detrimento de um conhecimento adquirido por meio do que chamamos acima de educação formal (para lançar mão da definição do Ministério da Educação – MEC – aquela que se faz dentro de sistemas de ensino tradicionais). Isso se dá por diversos fatores, mas um deles, baseando-se no levantamento bibliográfico feito para esse trabalho, é a constante aceleração do tempo, que aqui vamos definir com base em Hartmut Rosa.

Segundo o autor, aceleração social é um conceito que se divide majoritariamente em três dimensões: aceleração técnica, aceleração das relações humanas e do conhecimento, e finalmente a aceleração do tempo. Ele define e caminha ao lado do processo de modernização, porque é somente por meio do crescimento e da rapidez exponencial com a qual ocorrem as mudanças no mundo que se faz possível a manutenção e o sustento do sistema social capitalista em vigência; é o que o autor chama de dinâmica estabilizadora.

Uma sociedade acelerada, com informações, coisas, pessoas e capital se movimentando velozmente todos os dias a todo momento, gera muitas coisas, mas uma das consequências mais palpáveis é a violência *neuronal*, para utilizarmos os termos de Han. Depois que passamos a vivenciar uma sociedade pautada na rapidez e no desempenho; o desenrolar dessa conjuntura faz com que os indivíduos

sintam como efeito psicológico a ansiedade, a depressão e principalmente a síndrome de *burnout*.

Síndrome de *burnout* para Byung-Chul Han (2017, p. 29) é a “queima por superaquecimento”; ou seja, a violência sistêmica que se dá de dentro para fora do indivíduo, aquela que o corrói a partir do trabalho exacerbado e da exposição permanente a informação, ao tempo e as relações aceleradas. Uma sociedade em constante aceleração gera uma demanda contínua por mais movimento, mais informações, mais capital, coisas e pessoas em circulação. Como resultado, as exigências feitas às pessoas também se dão de forma mais acelerada e mais rígida. Como foi citado antes, o indivíduo moderno, que passava a ser dono da sua própria história, na sociedade do desempenho, o indivíduo ganha o título de empreendedor de si mesmo.

Gradativamente vemos uma sociedade mais ansiosa, mais deprimida e que promove constantemente ideais de competição e de alta performance. E como já citado anteriormente, isso tem fortes consequências no contexto da educação, principalmente no que diz respeito ao ensino superior. Com a crescente reivindicação de mais rapidez nos meios de comunicação, a educação formal acaba perdendo espaço para um saber que vem de outras fontes. Essa nova arquitetura do mundo fez com que cada vez mais tipos variados de informações começassem a circular pelo mundo. Em entrevista a

“Fronteiras do Pensamento”³, em 2011, Zygmunt Bauman (1925-2017), importante sociólogo polonês, afirma que, segundo Alain Ehrenberg, a revolução da pós-modernidade se inicia numa quarta-feira à noite, num outono na década de 1980, quando Vivienne, uma mulher comum, declara abertamente para seis milhões de telespectadores que nunca havia experimentado um orgasmo durante todo o seu casamento, posto que seu marido, Michel, sofria de ejaculação precoce. Antes de discutir se o termo apresentado - “pós-modernidade” - é ou não a melhor forma de se nomear esse período que vivemos que segue a modernidade, talvez seja interessante nos voltarmos para a potência dessa afirmação do sociólogo francês, e como ela é brilhantemente elucidativa e ao mesmo tempo tão inquietante.

É uma realidade quase sem filtro, ao passo que a tecnologia ampliou as possibilidades de expor-se. Hoje vivemos numa espécie de loja de departamentos onde continuamente somos vitrine e consumidor, um “*panóptico*⁴ digital” (HAN, 2011). Em *Sociedade da Transparência*, Byung-Chul Han afirma que, na sociedade de desempenho, há um aplainamento geral do mundo que se dá a partir do aumento da positividade em detrimento da negatividade. Isso quer dizer que, como consequência da modernidade e

³ Entrevista realizada pelo site Fronteiras do Pensamento em 25 de junho de 2011 em Londres na casa do filósofo.

⁴ Panóptico é um termo utilizado para designar uma penitenciária perfeitamente ideal visto que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

do sistema em que hoje estamos inseridos – uma lógica de aceleração constante e de grande circulação de coisas, ideais e pessoas –, essa transparência, essa demanda por uma hiperinformação e hipercomunicação, acabou criando um novo tipo de senso do conhecimento. Han, numa passagem introdutória da *Sociedade da Transparência*, elucida o que ele quer dizer com o termo:

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle. O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado num presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam-se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica, de todo o sentido, tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho. As coisas tornam-se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço. O dinheiro, que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (Holle) do igual. (HAN, 2017, p. 9)

Vivemos numa era de especialistas que disseminam

conhecimento gratuitamente em plataformas que não são nem universidades e nem livros teóricos tradicionais; vemos cada dia mais youtubers que publicam livros e influenciadores digitais que ministram cursos; toda essa aceleração acabou criando um tipo de conhecimento que opera na mesma chave de um *fast-food*, ou seja, na chave do capital de consumo. Com uma falsa sensação de quem tem o mundo no seu smartphone, o indivíduo de desempenho hoje conta com uma gama de informações e conhecimento exponencialmente vasta a distância de um toque. Mas que tipo de conhecimento é esse? Aparentemente, aquilo que não for rápido, não serve; na sociedade da transparência, perdemos muito da profundidade hermenêutica, da pausa para a reflexão, da demora, da contemplação. A urgência pela transparência completa e contínua de tudo se tornou um tipo de coação, e vem transformando questões humanas. A sociedade de desempenho que nos coloca numa sociedade de transparência, sugeriu, além de tudo, uma demonização das dificuldades, da dor; uma demonização de tudo que é demasiado complexo, misterioso. A velocidade do mundo hoje exige informações práticas, operacionais, escancaradas de forma obscena, e que sirvam para alguma coisa “de verdade”, alguma coisa que possa “gerar dinheiro”. Muito diferente da educação formal, tradicionalmente restrita ao ambiente educacional, que por sua vez tenta caminhar mesmo que aos trancos e barrancos na direção da

modernização, ou seja, dessa nova percepção do mundo.

No livro *Um mundo, uma escola: a educação reinventada*, de Salman Khan, fundador da Khan Academy, o autor faz a seguinte leitura dessa nova conjuntura da educação:

O velho modelo de sala de aula simplesmente não atende às nossas necessidades em transformação. É uma forma de aprendizagem essencialmente passiva, ao passo que o mundo requer um processamento de informações cada vez mais ativo. [...] Entre a velha maneira de ensinar e a nova, há uma rachadura no sistema, e crianças de todo o planeta despençam para dentro dela diariamente. O mundo está mudando num ritmo cada vez mais rápido, mas as mudanças sistêmicas, quando ocorrem, apresentam um movimento lentíssimo e muitas vezes na direção errada; todo dia – em cada aula – a defasagem entre o que é ensinado às crianças e o que elas de fato precisam aprender se torna maior (KHAN, 2013, p. 09).

Existe uma clara e generalizada obsessão em se atingir o que se chama de um máximo potencial ou ainda, de resultados de alta performance de tudo e em todos os momentos. Não me coloco aqui para fazer juízo de valor em relação ao caráter dessa busca, visto que esse não é o foco desse estudo, mas é necessário encarar a problemática que existe – inevitavelmente – em se falar de um mesmo “máximo potencial” em âmbitos diferentes. O que eu quero dizer com isso: para essa discussão, vamos considerar o mundo acadêmico em sua universalidade. Fora da “bolha acadêmica”, quando se fala em alta performance, naturalmente estamos

falando daquilo que é produtivo, e produtivo no sentido do mercado, do que agrega a si valor capital; tem a ver justamente com o que viemos discutindo ao longo desse artigo: há uma lógica de mercado que perpassa todo e qualquer âmbito da vida social, mesmo que ela não caiba exatamente ali. E no que diz respeito à educação, e mais especificamente, à academia, é exatamente isso que podemos observar. Mas vale perguntar: como podemos esperar que a academia dê resultados pautados no mesmo nexos de máximo potencial e alta performance do mercado, sendo que, a esfera intelectual funciona numa chave diferente?

Para entender um pouco melhor o que é especificamente essa chave na qual opera o cosmos acadêmico, faz-se necessária uma breve contextualização da educação ao longo da história. É bem conhecido o fato de que o acesso ao conhecimento em maior ou menor medida sempre foi reservado às classes dominantes; isso através do tempo e do espaço. No Brasil, não foi diferente, e isso se arrasta de forma perigosa até os dias de hoje. Obviamente não da mesma forma, mas segregação e precariedade sempre foram palavras presentes nas discussões acerca da educação no nosso país. Até a primeira metade do século XX, a educação permanecia afastada da realidade, fechada e prometida a um grupo muito seleto de pessoas que pouco contato mantinha com qualquer coisa que estivesse fora dessa pequena redoma intelectual. Em seu livro *Na base do farol não há luz: cultura, educação e*

liberdade, Mauro Maldonato reflete justamente sobre essa questão:

[...] a educação brasileira da primeira metade do século XX não estabelecia nenhuma relação com o mundo real. Afinal, ela era um privilégio, portanto não poderia contaminar-se com o mundo do trabalho. A educação no Brasil permaneceu, durante a maior parte da nossa história, uma ficção para poucos. Algo que flertava com a completa precariedade. (MALDONATO, 2016, p. 338)

Essa ideia de que a intelectualidade é para poucos é nada mais do que um reflexo bastante nítido de uma sociedade que nasceu de uma duplicidade entre senhores e escravos, ou ainda, entre aqueles que não sujam as mãos com nenhum tipo de labor e, portanto, podem debruçar-se em atividades acadêmico-intelectuais, e aqueles subjugados ao trabalho cativo. Maldonato ainda traz para o debate uma fala de Anísio Teixeira, que muito clinicamente coloca essa tendência da educação brasileira para uma experiência mais “humanística” e “intelectual” em detrimento de uma educação mais “prática” e até mesmo “vocacional”, como uma fachada retórica que vem recobrando os objetivos conservadores desse corpo social pautado na hierarquização dos indivíduos como elite e povo. O que vemos aqui é uma educação que tradicionalmente permanece reclusa às instituições de ensino, a um ambiente específico e a pessoas específicas, sem “sujar as mãos” muito profundamente na veracidade do mundo real.

Obviamente que através dos anos a educação com um viés vocacional

ganhou espaço, e diversas formas de ensinar e aprender apareceram. Mas curiosamente, mesmo dentro do âmbito educacional, ainda há uma separação – e inclusive uma hierarquia – no que diz respeito ao conhecimento intelectual e ao conhecimento prático. Cada um tem seu lugar, suas expectativas, seus limites, e ainda sim, dependendo de quem compara, um é visto em detrimento do outro. E a separação entre aqueles que conseguem ter acesso ao conhecimento, seja ele de qualquer qualidade ou categoria, ainda é abismal. Mesmo com tanta coisa mudando, com tanta modernidade e possibilidades de se estender esse acesso a mais pessoas, esse espectro de segregação e precariedade ronda a realidade educacional.

E volto a fazer a mesma pergunta: como é possível, então, esperar das instituições de ensino, que pautem seus resultados e expectativas numa lógica de mercado, se nosso sistema educacional e tradição estão pautados claramente, no distanciamento da realidade, e para se dizer o mínimo, no afastamento – por vontade própria ou não – dos holofotes do panóptico digital?

Khan faz em seu livro reflexões bastante pertinentes em relação a isso e, apesar de não ser um acadêmico da educação e nem ter essa como sua formação base, fornece um importante panorama a respeito sobre o tema das transformações na educação decorrentes da modernidade – mesmo que não pareça que ele realmente sabe o tamanho da importância de sua leitura de conjuntura. É preciso, no entanto, fazer uma pequena ressalva: Khan volta seu discurso para a

realidade do ensino fundamental, diferente desse estudo que trará especificamente da educação superior; porém, o livro de Khan cabe perfeitamente a essa discussão porque ele fala de uma coisa extremamente importante e comum a qualquer momento da trajetória estudantil (e que, no fundo, é uma das questões mais importantes de todo esse diálogo): o porquê se aprende as coisas.

Naturalmente, vivendo na sociedade em que vivemos, o objetivo comum a qualquer ação que se decida tomar é o vislumbre do que eu vou ganhar com isso: cada um na sua esfera, buscamos essa alta performance, esse máximo potencial, perseguindo resultados pautados em números. O aluno que busca nota, a instituição de ensino que busca subir nos rankings, o aparato estatal que busca seus próprios números. É claro que uma leitura meticulosa nos leva a perceber que a instituição da escola como conhecemos mais ou menos hoje nasceu de um modelo feito única e simplesmente para injetar educação cívica e prever o comportamento dos cidadãos das gerações futuras, mas qual é o sentido do aprendizado?

Existe uma “terceira camada” nessa hierarquia entre quem pode ter acesso ao conhecimento formal e quem não pode: trata-se de uma porção de pessoas que quer saber coisas, mas não quer *perder tempo* para aprendê-las, e consome apenas o que chamamos anteriormente de conhecimento estilo *fast-food*. Aqui falo de um tipo de busca por conhecimento diretamente relacionada ao desempenho, a alta performance. Esse tipo de

conhecimento opera na chave mais próxima possível do mercado: se trata dos gurus, dos especialistas, aqueles que cobram valores exorbitantes para fornecerem fórmulas mágicas de como viver a vida, como ganhar mais dinheiro, como vender mais, saber mais, ler mais rápido e a lista pode incluir literalmente tudo o que você puder imaginar. Na sociedade da transparência, como já discutimos anteriormente à luz de Byung-Chul Han, a alta demanda pela informação veloz e escancarada elimina a alteridade, bombardeia o ser com esse tipo de conhecimento e faz com que a teoria negativa, ou seja, aquela que exige demora, pesquisa, observação e reflexão – o que permite que a realidade se manifeste em toda sua imprevisibilidade - se torne algo complexo demais, distante demais. O conhecimento formal que opera na chave do intelectual não se mostra nas vitrines e, segundo Han, tudo o que não está exposto, transparente, que não pode ser precificado, que não opera na linguagem do capital, simplesmente não existe mais.

Olhando para todo esse panorama é impossível não sentir um nó na garganta e até mesmo borboletas no estômago. Qual seria então o destino da educação? Quando se observa esse mesmo fenômeno desses diversos prismas diferentes e se depara com as inúmeras possibilidades de problematização do mesmo tema, é impossível não sentir um mínimo desconforto. Mas no fim do dia, esse é o grande objetivo da ciência. A negatividade é a grande força que fez com que o mundo viesse, através dos

séculos, se transformando e se desenvolvendo. Agora é necessária uma pausa, um respirar fundo que muitas vezes esse sistema que vivemos não permite; mas Friedrich Wilhelm Nietzsche, importante filósofo prussiano, assim como uma série de outros pensadores já nos alertavam, não é possível existir qualquer avanço saudável onde não haja dor seguida de uma pausa para contemplação.

Conclusões

Os motivos pelos quais as pessoas se voltam para o conhecimento se transformaram ao longo dos anos, mas permanecem ligados à segregação e posteriormente às necessidades do mercado. Existe um discurso atualmente de que, para se inserir no mercado de trabalho, é necessário que você ingresse no ensino superior. Logo no começo desse artigo, coloquei a questão de que, ao atravessar os portões de saída da universidade e encarar o mundo real, não é exatamente aquilo que vimos nos livros que acontece de verdade. Mas, então, qual é o real papel da educação? Ou ainda, qual *pode ser* o papel da educação superior?

Paulo Freire, importante educador e filósofo brasileiro, coloca essa questão em pauta de forma sublime. Freire aproxima a pedagogia da antropologia, e defende que a alfabetização, por exemplo, se assemelha ao desenvolvimento da escrita. Isso porque a escrita possibilitou a nascimento da História, e isso, na vida individual de cada aluno, representaria a possibilidade de um redirecionamento no curso de sua vida:

“a cultura letrada permite que a cultura se observe, conscientizando-se de si mesma” (MALDONATO, 2016). A educação, portanto, teria um papel libertador, emancipador, e permitiria que aqueles que passem por esse portal sejam capazes de ler o mundo e transformá-lo.

A compreensão dos alunos, não como recipientes a serem preenchidos, mas como portadores de experiências valiosas, que deveria ser mobilizada no processo educativo é outro traço central – dessa realidade provinha as palavras geradoras, escolhidas por suas particularidades fonéticas, ortográficas e semânticas para uma dada comunidade, e que eram a porta de entrada para o mundo da leitura e da escrita. (MALDONATO, 2016, p.347).

Tomar consciência, a partir do conhecimento, do que está acontecendo à nossa volta, é o primeiro passo para um olhar crítico e empírico da situação que estamos vivendo; o próximo é tomar as rédeas da situação e agir para transformá-la. O que Khan propõe em seu livro *Um mundo, uma escola*, já citado anteriormente nesse trabalho, é justamente isso.

Antes de discutir qualquer outra coisa, vale ressaltar o fato de que o autor não é nenhum um acadêmico da educação, nem sequer um professor de formação; e, por mais incômodo que isso possa parecer aos nossos olhos de intelectuais tradicionais, isso nos permite refletir sobre uma questão muito pertinente: muitas vezes, estamos muito mais presos e absorvidos pela padronização do currículo e das metodologias do que no aprendizado, do prisma do estudante. Isso

não é de forma alguma uma acusação, como se não estivéssemos cientes de que há algo de errado com o sistema que atualmente seguimos. Isso nos mostra, entretanto, como temos uma grande dificuldade em nos engajarmos em mudanças reais, já que a queda do sistema em vigor interfere em toda uma realidade social com a qual já estamos vigorosamente acostumados.

Isso é tremendamente valioso. Muitas vezes deixamos de fazer, falar, tentar determinadas coisas simplesmente porque estamos tão acostumados, e há hábitos sociais provenientes desse sistema em que vivemos que estão tão enraizados em nós que fica difícil mesmo tomar qualquer movimento. Mas um ex-analista de investimentos, ao se deparar com sua prima – normalmente muito boa em matemática – com dificuldades em questões muito simples da matéria, percebe que há algo de errado com a educação; e a partir de um movimento muito simples, como o de colocar alguns vídeos no YouTube para que seus primos pudessem revisar a matéria estudada com ele, provoca uma pequena revolução na educação.

Khan propõe um modelo didático bem diferente do Prussiano com o qual estamos grandemente acostumados, e percebe que a escuta passiva, as avaliações, a presença física constante de um professor na posição de possuidor de toda a verdade – enquanto o aluno serve apenas de depósito de informações – assim como toda a organização dos temas que devem ser estudados e ainda a aprovação muitas vezes encarada como apenas mais um tramite administrativo,

e muitíssimo mais preocupada com números e rankings ao invés de voltar seus olhos para o domínio completo daquele conhecimento; tudo isso estava produzindo um ambiente de ansiedade, frustração e *burnout* não só para os alunos mas também para os próprios professores. Como todos nós já percebemos, Khan percebeu que é preciso transfazer as bases da educação. Uma pessoa comum, que não está presa pelas amarras do tradicionalismo acadêmico, de um jeito simples e descomplicado percebeu como poderia ajudar as pessoas a terem uma melhor experiência acadêmica.

O mar está repleto de peixes: há peixes nadando apenas em uma direção, presos, impedidos por um sistema falido a mudarem de direção. Há peixes que se libertaram dessa corrente forte e que agora se aproveitam da necessidade de muitos de ter uma corrente para se seguir, e os manipulam. E há peixes como Khan, que se libertam de certa forma e tentam levar consigo outros peixes, emancipá-los. E não é essa a grande função do aprendizado? Há ressalvas a se fazer sobre o trabalho dele, mas a urgência das consequências do nosso sistema educacional é latente e requerem ação.

Nós educadores estamos presos em uma dessas correntes. Há uma série de obrigações a serem cumpridas, regras a serem seguidas e sobra pouco espaço para a criatividade, para a humanização das nossas salas de aula. Sobra-nos pouco tempo para que tenhamos uma vivência real do mundo; falta tempo e espaço para termos uma experiência do conhecimento que dance dentro e fora das instituições de

ensino, que fale com o acadêmico do mais alto título, mas que também emancipe uma pessoa qualquer de uma classe social mais baixa, que perpassa a realidade nua e crua, e não só os modelos gravados em livros. E isso não é uma crítica pejorativa, é uma leitura.

Nada do que foi dito aqui é um apelo ao intelectualismo desenfreado e inacessível, muito menos uma apologia ao conhecimento *fast-food* que vem dominando nossas redes de comunicação. É simplesmente uma pausa, um respiro. Nós mesmos criamos essas barreiras e amarras para nossa própria criatividade, embasandonos – e afogando-nos – num sistema econômico-social capitalista que caminha cada vez mais para a combustão. Sendo assim, nosso papel como educadores, primeiramente, é saber que, da mesma forma que criamos, podemos e precisamos transformar. Pausas são necessárias. É no vazio do silêncio que enfrentamos em situações desagradáveis que, muitas vezes, somos presenteados com os insights mais esclarecedores. Sem a demora da contemplação, não somos capazes de fazer uma leitura profunda e detalhada da conjuntura em que vivemos, e sem um conhecimento profundo do problema, não é possível chegar a nenhuma solução.

Criamos um senso do mundo que nos diz constantemente que tudo tem que ser feito imediatamente e com o mínimo de dor e negatividade possíveis. Mas nós sabemos que a grande consequência disso é uma continuidade de movimento completamente desprovida de sentido e

significado. Além de um afastamento exponencial da realidade. Mas não podemos de forma alguma simplesmente nadar nessa corrente veloz e deixar que a demanda por informações rápidas, práticas e positivas nos cegue do que é o nosso real papel como geradores e difusores de conhecimento. Como disse Byung-Chul Han:

Sem a negatividade da distinção é inevitável que as coisas cheguem à proliferação e à promiscuidade generalizada. Nesse sentido, a teoria se avizinha da cerimônia, que separa o iniciado do não iniciado. É um erro admitir que a massa positiva de dados e informações, que hoje cresce monstruosamente, torna supérflua a teoria, que o nivelamento de dados substitua os modelos. A teoria como negatividade está estabelecida antes dos dados e informações positivos, como também dos modelos. A ciência positiva, baseada em dados não é a causa, mas a consequência do fim da teoria iminente, em sentido próprio. A teoria não pode ser simplesmente substituída pela ciência positiva. A esta falta a negatividade da decisão, que é a única que decide o que é ou deve ser. A teoria como negatividade faz com que a realidade se manifeste ela própria, cada vez de modo diferente e de súbito, no qual aparece uma nova luz. (HAN, 2017, p. 20)

É chegada a hora de parar, sair da corrente e observar, só assim seremos capazes de entender individualmente e como grupo que somos qual é o nosso papel em relação à educação do futuro. Não é tarde, nunca é. O mundo muda, nós precisamos mudar com ele.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HAN, Byung-Chun. **Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

_____. **Sociedade da Transparência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 193 p.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 233 p.

KHAN, Salma. **Um mundo, uma escola**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MALDONATO, Mauro. **Na base do farol não há luz, cultura, educação e liberdade**. São Paulo: Sesc Edições, 2016.

MONTERO, Paula. **Globalização, identidade e diferença**. Novos Estudos. CEBRAP. n° 49, 1997, pp. 47-64.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2015.

ROSA, H. **Social acceleration: a new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2015.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

SOMBART, Werner. **El Burgues**: contribucion a la historia espiritual del hombre economico. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

TONNIES, Ferdinand. Teoria della comunità; Le forme della volontà umana. In: **Comunità e Società**. Roma, Laterza, 2011.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 24/03/2021

Aprovado em 13/06/2021